



## **OLHARES OUTROS PARA A ESCOLA E A MATEMÁTICA: O QUE NOS DIZEM PESSOAS ANALFABETAS?**

*Endrika Leal Soares*  
*Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*  
*endrika.leal@gmail.com*

**Temática:** História, Filosofia e Educação Matemática

**Resumo:** Este artigo apresenta uma pesquisa de mestrado, ainda em fase de desenvolvimento, que tem trabalhado com a produção de narrativas com adultos não alfabetizados em Mato Grosso do Sul. Neste estudo, pretendemos analisar os diferentes modos construídos por essas pessoas para praticar/se estabelecer o/no mundo, através de estratégias (matemáticas) cotidianas, bem como problematizar discursos sobre escola e matemática frente a essas narrativas. Para isso, temos trabalhado com a produção de narrativas, orientadas por princípios e procedimentos da História Oral. Aqui, pretendemos trazer algumas discussões que surgem a partir de um primeiro olhar para essas narrativas, que tem nos possibilitado pensar sobre a escola e a matemática de uma outra forma. Acreditamos que esse trabalho possa contribuir com o campo das pesquisas que envolvem essa temática, colaborando para pensar a Educação de um outro modo, através de experiências de vida narradas por pessoas analfabetas.

**Palavras-chave:** Pessoas analfabetas; Narrativa; Escola; Matemática; Educação Matemática.

### **Sobre esta pesquisa...**

A pesquisa aqui apresentada tem trabalhado com a produção de narrativas com adultos não alfabetizados em Mato Grosso do Sul, a fim de analisar os modos de praticar/se estabelecer o/no mundo, por meio de estratégias (matemáticas) cotidianas, bem como problematizar certos discursos que se tem (re)produzido sobre escola e matemática, a partir do olhar para essas narrativas.

O interesse por essa temática surgiu ainda no contexto de minha graduação, por meio de leituras e discussões possibilitadas pela participação no Grupo História da Educação Matemática em Pesquisa (HEMEP) e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Foi através desses espaços que tive contato com o artigo “Narrar para narrar-se: entre o livro e a sabedoria, a autoria” (TFOUNI; MARTHA; MONTE-SERRAT, 2015), que disparou questionamentos e motivou um primeiro olhar interessado sobre o tema.

Neste artigo, as autoras exploram recortes de entrevistas realizadas com pessoas não alfabetizadas para, entre outras coisas, perceber como essas pessoas lidam com alguns silogismos apresentados a elas. A partir das respostas dadas aos silogismos (geralmente pautadas em suas vivências) e as discussões encaminhadas, nos chamou atenção a diferença das estratégias de pensamento lógico mobilizadas por pessoas não alfabetizadas, diferentes das mobilizadas por pessoas que passaram por processos de escolarização. E ainda, nos ajuda a pensar o potencial das narrativas frente a essas questões, entendendo a produção de narrativas como uma possibilidade de construção de subjetividades.

Motivados por essas discussões, o interesse por pesquisar em torno dessa temática foi ganhando novos olhares a partir do meu ingresso no mestrado deste programa, o PPGEducMat. Em nossa pesquisa, buscamos compreender como pessoas que não foram alfabetizadas lidam com a questão da “matemática no/do cotidiano”<sup>17</sup>, por meio da produção de narrativas. Em outras palavras, queremos olhar para o que estamos chamando de estratégias (matemáticas) produzidas e mobilizadas por pessoas não alfabetizadas para lidar com situações que necessitariam de conhecimentos matemáticos. Então, quais estratégias surgem nesses contextos que, de certa forma, forcem a sua criação?

Optamos por pensar este estudo a partir da produção de narrativas a serem fontes da pesquisa. Essas narrativas foram construídas a partir da realização de entrevistas com pessoas analfabetas, orientadas por princípios e procedimentos da História Oral. Apesar de muitas vezes carregar essa ideia, a História Oral não é utilizada somente em trabalhos propriamente historiográficos, e aqui nos ajuda a pensar a Educação de um outro modo e com interlocutores com os quais ainda não havíamos estabelecido situações de entrevista, por meio de experiências de vida expressas a partir da oralidade.

Mas o que pessoas analfabetas podem nos dizer sobre a escola? Ao produzir narrativas com interlocutores analfabetos, nos propomos a pensar a escola a partir de um público que não teve acesso a ela. Acreditamos que falar sobre escola também é falar das pessoas que se mantiveram fora dela, que não compartilham do chamado discurso científico, se enquadrando na ideia do marginal discutida por Schmitt (1990), ao tratar da condição de exclusão social de

---

<sup>17</sup> Optamos por usar o termo “matemática no/do cotidiano” entre aspas pois, a partir de reflexões acerca do discurso de que a matemática estaria em tudo, acreditamos que ela não preexiste ao ser humano e não estaria no mundo para ser descoberta. Motivados pelo artigo “Como Seria um Mundo Sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade” (CLARETO e ROTONDO, 2014), estamos entendendo em nossa pesquisa a matemática como produção/construção humana.

indivíduos e/ou comunidades. Sendo assim, este estudo tem nos permitido lançar olhares outros sobre a escola e a matemática, diferente da imagem já naturalizada por nós e, por vezes, nos ajudando a questionar (para quem sabe desconstruir) essa imagem fixa.

### **Caminhos...**

Muitos são os caminhos possíveis de se percorrer para a realização de uma pesquisa, e no caso desta, em particular, não tivemos a intenção de prever, mas sim tentar nos aproximar de um exercício de pesquisa em que os caminhos possam ser construídos ao caminhar.

Ao falar sobre os caminhos, não posso deixar de mencionar a problemática inicial que me preocupava em relação a escolha dos interlocutores: será que é fácil encontrar pessoas analfabetas? Sim, eu acreditava que poderia ser muito difícil encontrar interlocutores com os quais eu pudesse dialogar em minha pesquisa. Diante dessa preocupação inicial, a provocação da orientadora consistia em tentarmos realizar a pesquisa com pessoas que de alguma forma estivessem próximas a nós.

Sendo assim, as entrevistas foram realizadas com interlocutores cujos mediadores foram colegas do próprio programa de pós-graduação, amigos pessoais e familiares. Ao todo, foram realizadas seis entrevistas, sendo duas em Campo Grande/MS e quatro em Guia Lopes da Laguna/MS, registradas somente por meio de gravações em áudio.

Para a realização das entrevistas, nos fundamentamos nos princípios e procedimentos da História Oral, cuja característica principal consiste na produção e valorização de narrativas orais a serem fontes da pesquisa (SILVA e SOUZA, 2007). É importante ressaltar que embora a História Oral seja utilizada em trabalhos historiográficos, ela não é utilizada exclusivamente em investigações dessa natureza. Nesse sentido, “entende-se que a História Oral não é uma operação historiográfica em si, mas pode ser parte de uma tal operação, sendo também possível um exercício em História Oral, até certo ponto, desvinculado de uma operação historiográfica” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 232).

Ainda que a História Oral possa ser utilizada em pesquisas como esta, que não se propõe a investigar uma “questão histórica”, as fontes construídas ajudam a escrever uma História, e são historiográficas

[...] no sentido de registrarem perspectivas de um modo comprometido, responsável, ético; são historiográficas por serem o registro de uma verdade – a verdade do sujeito –; são historiográficas pois “falam” de um tempo, de uma condição, de um espaço, de um modo de existir, de falar, de se portar;

são historiográficas, portanto, num sentido amplo, aquele no qual a concepção de historiografia passa a aceitar como legítima a presença de subjetividades para entender a duração, as alterações e permanência das “coisas” no tempo e no espaço. Assim, preocupações em torno do conceito “história” [...] estão no cerne do trabalho do oralista, mesmo que suas fontes não sejam constituídas especificamente para disparar trabalhos “propriamente historiográficos” (GARNICA, 2012, p. 89).

Dessa maneira, optamos por utilizar a História Oral como suporte metodológico para o desenvolvimento da nossa pesquisa, criando fontes intencionalmente a partir da oralidade, produzindo narrativas. No entanto, nos parece que essa “utilização” da História Oral acaba se configurando como um “flerte”, pois apesar de nos apoiarmos em seus princípios e procedimentos, por vezes durante o desenvolvimento da pesquisa sentimos a necessidade de (re)pensar esses procedimentos, (des)construir alguns, de modo a tentar caminhar por caminhos que também acreditamos fazer sentido para a realização dessa pesquisa.

O Grupo HEMEP vem desenvolvendo trabalhos envolvendo a História Oral desde 2011, geralmente com interlocutores ligados à formação de professores, visto que o grupo também se propõe a investigar a formação e atuação de professores que ensinam/ensinaram matemática no estado de Mato Grosso do Sul. Porém, nesta investigação nos propomos a explorar um outro cenário de investigação, com interlocutores com os quais ainda não havíamos dialogado anteriormente, sendo assim, (re)pensar procedimentos se fez/faz necessário em certos momentos.

Os roteiros pensados para as entrevistas, apesar de conter algumas questões mais gerais, a fim de questionar os entrevistados sobre sua relação com a escola, sobre o incentivo (ou não) dos pais para frequentarem a escola e deles mesmos em relação aos filhos, eram adaptados de acordo com a rotina de cada um, de maneira a tentar explorar suas histórias de vida. As entrevistas acabaram ganhando um forte tom de diálogo, por vezes com a participação de familiares e/ou conhecidos, que vez ou outra contextualizavam algum acontecimento ou disparavam histórias a serem narradas.

Quanto ao tratamento das entrevistas, a primeira ação realizada foi a transcrição dos registros orais gravados em áudio. A transcrição é uma espécie de degravação, o processo de criação de um texto escrito o mais semelhante possível ao material oral, preservando pausas, repetições, bem como características próprias da oralidade.

Feitas as transcrições, a próxima ação é a textualização desse material. No processo de textualização, que já se configura como um processo analítico, o material textualizado é

modificado pelo pesquisador, com a intenção de produzir uma narrativa mais fluente. Nesse momento, o texto produzido é uma colaboração entre o entrevistado e o pesquisador, que modifica e transforma o texto, produzindo um outro. É esse texto produzido a partir da textualização que consideramos como sendo as narrativas.

A etapa da textualização foi uma das que sentimos necessidade de (re)pensar, pois existe uma preocupação com relação a tentar não descaracterizar o entrevistado durante esse processo, mantendo seu “tom”, de modo que ele possa se reconhecer na narrativa produzida, isto é, possa reconhecer essa narrativa como algo que ele diria.

Não existem regras para produzir a textualização, ela é feita de acordo com cada pesquisador. Em minha primeira textualização, na tentativa de produzir um texto fluido e carregando um discurso sobre não descaracterizar o entrevistado, tanto quanto possível, sigo na direção contrária, elimino todos os erros das palavras e de concordância, e ao final, tenho um texto que se assemelha a narrativa de um interlocutor alfabetizado.

Em uma tentativa de não descaracterizar, claramente descaracterizo a pessoa que me concedeu a entrevista. Posteriormente, a textualização foi alterada, os “erros” mantidos, de forma que julgamos ser mais coerente com a produção da pesquisa e a discussão que propomos, afinal, que texto teríamos se mantivéssemos a primeira textualização? Embora a alteração tenha sido feita, pensamos ser importante refletir sobre o que significa transformar um texto para que ele caiba no que se considera a norma culta da Língua Portuguesa (ou perto disso), ou ainda, por que não deixar as palavras do jeito que elas foram pronunciadas?

Nesse sentido, também cabe a discussão sobre como proceder com relação à devolutiva das narrativas aos entrevistados, para que, caso concordem, autorizem o uso dessas narrativas em nossa investigação por meio da assinatura de uma carta de cessão de direitos. Essa etapa ainda não foi realizada, mas certamente precisa ser (re)pensada, em busca de alternativas mais éticas e coerentes, visto que realizamos uma pesquisa que tem como interlocutores pessoas analfabetas.

Sendo assim, estes são alguns dos caminhos que nos colocamos a percorrer durante o processo de produção dessa pesquisa. A História Oral tem nos possibilitado a construção de diversas narrativas, apoiadas em diversas histórias de vida, e concordando com Garnica (2010, p. 34), pensamos as narrativas “não mais como constituindo “a” história, mas como

constituidora de histórias possíveis, versões legitimadas como verdades dos sujeitos que vivenciaram e relataram determinados tempos e situações”.

Todas essas vozes têm nos ajudado a pensar nossa pesquisa e encontrar um outro modo de olhar para as questões que envolvem a escola e a matemática, a partir de histórias de vida de pessoas que apesar de não terem frequentado esse espaço, dizem muito sobre ele.

### **Pensando narrativa...**

Considerando que buscamos recursos nas narrativas para a produção de nossa investigação, e que a produção dessas narrativas, como dito anteriormente, acontecem a partir de entrevistas com pessoas analfabetas, com bases na História Oral, cabe aqui uma discussão acerca de como estamos pensando a questão das narrativas.

Existem muitas maneiras de se pensar/compreender narrativa. Na perspectiva dessa investigação, entendemos narrativa como contar histórias (SOUZA, 2014). Ainda assim, é importante lembrar que consideramos a existência de diversas maneiras possíveis de se contar uma história, como por meio de um filme, uma fotografia, uma pintura, ou mesmo um desenho. Nesse sentido, consideramos narrativa todas essas formas de texto (não se limitando ao texto escrito) que podem nos dizer algo (talvez um “algo” diferente para cada indivíduo).

Nesse contexto, o áudio gravado da entrevista poderia ser utilizado como narrativa para a realização da pesquisa? Sim. O áudio e a textualização são fontes diferentes, e como tais, possibilitam diferentes discussões. Optar pelo áudio como fonte acarreta a necessidade de analisar oralidades, o que não costuma acontecer nos trabalhos que se valem da História Oral, tanto pela facilidade de divulgação do material escrito na academia, quanto pela possibilidade de compor com o entrevistado na construção dessa narrativa outra, momento em que outras informações podem ser acrescentadas e/ou melhor esclarecidas.

Sendo assim, optamos por utilizar narrativas escritas como fontes dessa investigação, construídas a partir das histórias narradas por cada interlocutor. De acordo com Cury, Souza e Silva (2014, p. 915),

Narrar é contar uma história, narrar-se é contar nossa história ou uma história da qual também somos, fomos ou nos sentimos personagens. Esse contar, é importante ressaltar, se dá sempre em direção a alguém. Desse modo, a narração prevê um posicionamento frente ao outro.

Esse posicionamento, de certa forma, pode guiar a narrativa. No caso das que emergem a partir de entrevistas, quem narra (o entrevistado) o faz em direção ao entrevistador

(pesquisador), que guia e pode interferir no rumo da narrativa a partir de questionamentos feitos ao entrevistado. Quem narra, por sua vez, constrói a si mesmo ao narrar, isso porque ao narrar suas histórias, o “eu”, protagonista dessas histórias, já não é quem está narrando, mas se constitui outro, em outras palavras, o sujeito que narra é diferente do sujeito narrado. Albuquerque Junior (2011, p. 254) nos ajuda a pensar essa questão quando afirma que

[...] o homem que se conta não é o mesmo homem que vive, mesmo quando narra sua própria vida. [...] Porque o sujeito da narrativa é um sujeito em estado de vida, em carne e osso, é um sujeito em que corre sangue nas veias. Já o sujeito narrado é um sujeito em estado de palavra, é um sujeito em que corre tinta nas veias.

Nesse sentido, as narrativas nos permitem criar versões de nós mesmos e de acontecimentos. A narrativa do seu primeiro dia de aula quando tinha 6 anos, não é aquele primeiro dia de aula, mas uma versão criada a partir do esforço de narrar aquele momento, uma leitura, utilizando a memória como recurso, afinal, “a memória filtra, reordena, fantasia. A memória interpreta, redimensiona, inventa, complementa. A memória nos permite construir textos” (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 242).

Ainda nessa direção, se duas pessoas, ao narrarem um mesmo acontecimento, o fizerem de maneiras diferentes, não é nossa intenção julgar uma narrativa verdadeira em detrimento da outra, mesmo porque não acreditamos que isso exista. Ambas as narrativas são consideradas legítimas, pois emergem a partir de diferentes leituras sobre aquele acontecimento, mesmo uma pessoa, ao narrar duas vezes sobre um mesmo acontecimento, o fará de maneira diferente. Dessa forma, não acreditamos no estabelecimento de uma verdade absoluta, mas consideramos que a partir das narrativas

Os pontos de vista (as verdades do sujeito e das outras fontes disponíveis) são postos em diálogo, sem que uma fonte seja valorada de modo diferenciado, posto que cada um desses recursos abre a possibilidade de conhecer perspectivas alternativas, ainda que, não poucas vezes, conflitantes. (GARNICA, FERNANDES e SILVA, 2011, p. 237)

É a partir desses diferentes pontos de vista, de acordo com as verdades de cada sujeito que tornam possíveis a constituição de diversas narrativas, que pretendemos realizar nossa pesquisa. Em cada narrativa encontramos uma história de vida, um modo próprio de narrar, somos apresentados a diferentes sensibilidades de mundo, cabendo ao pesquisador o desafio de dialogar com essas histórias, produzindo significados próprios que nos ajudem a pensar nossa pesquisa.

### **No meio de um emaranhado de histórias... Que produzimos nós?**

As minhas irmã morreu tudo burra que nem eu mesmo.  
*Maria<sup>18</sup>, 76 anos.*

Depois, eu estudei um ano nessa escolinha que tinha aqui na capela, vinha uma moça pra dar aula pras pessoa e eu fui. Uns aprendeu, os que num é burro que nem eu aprendeu, mas eu num consegui mesmo.  
*Regina, 75 anos.*

Um primeiro olhar para as narrativas já aponta na direção de algumas possíveis discussões, ainda iniciais, que tentamos trazer aqui. O diálogo com pessoas analfabetas tem nos possibilitado pensar sobre a escola e a matemática de uma outra forma, a partir de histórias de suas vidas. Mas o que pessoas que não foram alfabetizadas poderiam nos dizer sobre a escola?

De maneira geral, os entrevistados não frequentaram a escola durante um longo período de tempo, somente poucos anos (ou mesmo meses) durante a infância, e alguns quando adultos. As justificativas para a não permanência são diversas, mas destacamos aqui a que se mantém em torno da suposta incapacidade de aprender, que tem nos chamado atenção.

Por diversas vezes, ao narrarem sobre sua relação com a escola, alguns entrevistados alegam não terem conseguido aprender nas ocasiões em que a frequentaram, e percebemos que ao nos contar sobre esses momentos, manifestam uma visão negativa de si mesmos, sendo recorrentes as referências a si mesmos como burros, cabeça oca, cabeça fraca, entre outros adjetivos desse tipo, como evidenciam os trechos das entrevistas anteriormente citados. A senhora Regina se surpreende por conseguir decorar o nome das pessoas que escrevem seus telefones para ela em um pedaço de papel, o que a faz esperar tão pouco de si mesma a ponto de se surpreender por decorar um conjunto de símbolos?

Comentários nesse sentido vem sendo acompanhados por afirmações sobre a escola, evidenciando o modo com que essas pessoas a tem enxergado, que a nosso ver, tem relação com a propagação de uma imagem de escola construída na direção de um lugar bom, de aprendizagem e atrelado a ideia de sucesso.

Eu trabalhei muito pra cria meus filho, mas graças a Deus tudo eles, o pouquinho que eles sabem ler e escrever acho que ninguém tira deles.  
*Regina, 75 anos.*

---

<sup>18</sup> Os entrevistados ainda não autorizaram o uso das narrativas, sendo assim, seus nomes foram preservados. Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios.

A escola é muito bom mesmo. Nunca vi dizer que pessoa que foi pra escola, que aprendeu, falar que era ruim.  
*Regina, 75 anos.*

[...] o estudo é a maior coisa que tem no mundo.  
*Maria, 76 anos.*

Porque se eu fosse um cara sabido, de leitura, eu tinha mais coisa, eu crescia mais, né?  
*José, 62 anos.*

Reconhecemos nessas falas o que pensamos ser discursos sobre a escola (e sobre estudo) produzidos e propagados pela sociedade, como possíveis criadores de uma certa imagem de escola que, a partir das narrativas, nos parece ser determinante no modo com que essas pessoas pensam a si mesmas. Como? Se a escola é esse lugar bom, onde as pessoas aprendem, e eu ao frequentar esse espaço não consegui aprender, o problema está em mim.

Com essas reflexões, ainda iniciais, nosso objetivo não é criticar a escola, mas colocar em diálogo esses discursos que muitas vezes sustentamos/propagamos e chamar atenção para como isso pode ser recebido pelas pessoas, e principalmente no poder que eles têm em se estabelecer como verdade, capazes de produzir subjetividades. Pensamos que as narrativas produzidas são potentes para mobilizar discussões no sentido de como pessoas analfabetas, que se mantiveram a maior parte de sua vida fora da escola, são subjetivadas por discursos que comumente se tem sobre escola. Em outras palavras, como a escola é presente na vida dessas pessoas, interferindo na maneira com que elas se veem, ainda que elas tenham se mantido fora desse ambiente.

Nesse contexto, para algumas pessoas a escola parece não ser questionável, as mesmas em que conseguimos identificar em suas falas discursos sobre escola e que pensamos ser de alguma forma subjetivadas por eles. Afinal, se atribuo a mim a culpa por não ter aprendido, a escola permanece isenta dessa culpa. Nessas narrativas, a vontade de aprender parece permanecer, impossibilitada pela suposta incapacidade para tal.

Já em outras narrativas, embora reproduzam em alguns momentos essas falas sobre escola comentadas anteriormente, parece haver uma postura diferente quanto a relação com a escola. Assim como Totonha quando diz “Capim sabe ler? Escrever? Já viu cachorro letrado, científico? Já viu juízo de valor? Em quê? Não quero aprender, dispenso” (FREIRE, 2005, p. 79), as senhoras Maria e Célia já não manifestam interesse em aprender. Identificamos em suas narrativas posturas de resistência, manifestadas por meio de diversas falas que pensamos

seguir na direção de um questionamento a escola, principalmente com relação a postura dos professores.

Quando eu vortei a estudar eu tinha mais de cinquenta anos, depois de velha, foi depois que meu marido faleceu, e eu estudei um ano mais ou menos. A professora falou que ia me dar o deproma que eu tinha passado, mas eu não sabia nada, como é que eu tinha passado? Eu não tinha conseguido aprender a ler nada, eu falei “pois eu não sei nada”. Como ela vai me dar um deproma sem eu passar? Eu nem lá não vortei.  
*Maria, 76 anos.*

A professora não se interessou muito pelo meu caso e eu fui me estressando com aquilo lá. Ela não ia me ensinar nada pra mim, ela queria que eu copiasse dessa minha amiga, aí eu peguei, fui me estressando, peguei e larguei mão! Não fui mais [...]  
*Célia, 70 anos.*

Nesses termos, o que significa o abandono da escola pelas senhoras Maria e Célia? Quais denúncias estão implícitas (ou explícitas) nessas narrativas, ainda que digam de casos específicos e não generalizados? Diante desses questionamentos que ainda não possuo resposta, apenas mais perguntas, só consigo me lembrar de Totonha quando afirma “Eu é que não vou abaixar a minha cabeça para escrever. Ah, não vou” (FREIRE, 2005, p. 81).

E a matemática? Em algum momento, geralmente no final da entrevista, questionávamos os entrevistados sobre o que eles entendiam por matemática. Alguns diziam não saber o que era matemática, embora conhecessem os números e soubessem fazer algumas operações básicas, as outras respostas relacionavam a matemática ao “fazer contas”. Além disso, também a escola era relacionada a ler e escrever. Sendo assim, a escola parece ser sinônimo de alfabetização, um lugar onde aprendemos a ler, escrever e a contar.

Por falar em estratégias, elas consistiam em nosso foco inicial, embora outros espaços de discussão que também consideramos relevantes tenham sido abertos, a medida em que as narrativas foram sendo produzidas. Quanto as estratégias, elas têm surgido a partir de situações cotidianas que, de certa forma, forcem sua criação, buscando por modos de lidar com as circunstâncias nas quais elas se fazem necessárias, como por exemplo, para costurar, ir ao mercado, vender mercadorias, fazer ligações telefônicas, entre outras.

Eu faço todos os números, quando vou ligar para as pessoas eu sei que o número é delas porque eu coloco um número para ajudar, e esse número fica na minha cabeça, eu decoro. Quando vou ligar para a Bárbara eu sei que aquele telefone que está marcado ali é o dela porque tem o número 2 junto, e é esse número que eu gravo, quando eu vou ligar para o meu amigo Seu Jorge eu coloco o número 10 na frente e sei que o 10 é o número dele. Eu coloco o 2, o 1, o 3, o 4, o 5. A Osana são dois 0, a Bárbara é o 2 e o João, meu genro,

também é o 2, mas eu sei que o da Bárbara é o que está junto com o número da Armelinda, que é o primeiro, e o do João está junto com o do Bruno, que é mais longe. Já o da Jô não tem nenhum número, eu sei que é o dela porque são só duas letras.  
*Maria, 76 anos.*

Ao pensar nas estratégias que chamamos matemáticas, outras discussões têm surgido. Como lidar com elas? É coerente olhar para elas tentando estabelecer algum tipo de correspondência com essa matemática conhecida por mim, buscando identificar algum conteúdo onde eu possa encaixá-la, para então poder chamar de matemática? Essa matemática a qual me refiro, é a “minha” matemática, que pode não fazer sentido algum para uma pessoa que não sabe o que esse nome significa.

Essas são algumas discussões que emergem das narrativas produzidas a partir das histórias de vida de seis pessoas, que tem nos colocado diante de diferentes sensibilidades/leituras de mundo, abrindo espaço para pensar outros modos de vida, outros saberes, nos possibilitando lançar olhares outros sobre, por exemplo, a escola e a matemática, bem como conhecer diferentes estratégias criadas por essas pessoas, enquanto diferentes modos de lidar/se estabelecer no mundo.

### **Considerações Finais**

Este artigo buscou discutir acerca de uma pesquisa, ainda em desenvolvimento, que se propõe a produzir narrativas com adultos analfabetos de Mato Grosso do Sul, bem como os primeiros encaminhamentos possibilitados por uma primeira leitura dessas narrativas. Acreditamos que esse trabalho possa contribuir com as produções que abordam essa temática no campo da Educação Matemática, que ao se manter fora da estrutura da escola, pode colaborar para pensar a Educação de outro modo, através de experiências de vida.

Nossa intenção com essa investigação não é “dar voz” a essas comunidades, falando por nossos interlocutores, mas com eles, tentando estabelecer discussões a partir da criação de espaços em que esses diálogos sejam possíveis, para que suas vozes também possam ecoar em outros espaços, nesse caso, na academia. Esperamos que nossa investigação possa promover discussões que nos ajudem a pensar a escola e a matemática de uma outra maneira, considerando sua relação com indivíduos que se mantiveram fora da escola, mas que têm nos dito muito sobre ela ao narrarem suas histórias.

### **Referências**

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. Em Estado de Palavra: quando a história não consegue que se meta fora a literatura. In: FLORES, M. B. R. (Org.); PIAZZA, M. F. F. (Org.). *História e Arte: Movimentos artísticos e correntes intelectuais*. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 249-261.

CLARETO, S. M.; SACRAMENTO ROTONDO, M. A. Como Seria um Mundo sem Matemática? Hein?! Na tensão narrativa-verdade. *Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 974-989, ago. 2014.

CURY, F. G.; SOUZA, L. A.; SILVA, H. Narrativas: um olhar sobre o exercício historiográfico na Educação Matemática. *Bolema*, Rio Claro, v. 28, n. 49, p. 910-925, ago. 2014.

FREIRE, M. *Contos Negreiros*. Rio de Janeiro: Record, 2005. 126 p.

GARNICA, A. V. M.; FERNANDES, D. N.; SILVA, H. da. Entre a amnésia e a vontade de nada esquecer: notas sobre regimes de historicidade e história oral. *Boletim de Educação Matemática*, Rio Claro, v. 25, n. 41, p. 213-250, dez. 2011.

GARNICA, A. V. M. História Oral e Educação Matemática. In: BORBA, M. C.; ARAÚJO, J. L. (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. 4ª edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

GARNICA, A. M. Registrar oralidades, analisar narrativas: sobre pressupostos da História Oral em Educação Matemática. *Ciências Humanas e Sociais em Revista*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 2, p. 20-35, jul./dez. 2010.

SCHMITT, J. C. A história dos marginais. In: LE GOFF, Jacques et al (org.). *A nova história*. Coimbra: Almedina, 1990. p. 261-290.

SILVA, H.; SOUZA, L. A. A história oral na pesquisa em Educação Matemática. In. *Boletim da Educação Matemática*. Ano 20, n. 28. Rio Claro: Unesp, Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, 2007. p. 139-162.

SOUZA, L. A. Narrativas na investigação em história da educação matemática. *Rev. Educ. PUC-Campinas*, Campinas, v. 18, n. 3, p. 259-268, set./dez. 2014.

TFOUNI, L. V.; MARTHA, D. J. B.; MONTE-SERRAT, D. M. Narrar para narrar-se: entre o livro e a sabedoria, a autoria. *Memorandum: Memória e História em Psicologia*, Belo Horizonte, n. 28, p. 132-144, abr. 2015.